

Artigos Livres

Perscrutando a História: a constituição da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí

Revisiting the History: the Faculdade Católica de Filosofia Constitution of Piauí

Cláudia Cristina da Silva Fontineles*

Thiago Rodrigues Frota**

Resumo: O presente artigo visa a discutir o percurso histórico da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) e evidenciar as dificuldades enfrentadas por essa instituição de formação de professores em nível superior. Para tanto, analisa como a experiência de implantação da Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi) repercutira no que se tornaria a Fafi ao lançar as sementes de sua criação e consolidação. Adotamos, como fontes, estudos realizados pela historiografia piauiense, documentos disponíveis no site do Senado Federal e jornais impressos que circulavam em Teresina, no período.

Palavras-chave: História da educação. Formação de professores. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí.

Abstract: The present work intends to discuss the historical course of the Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) and to highlight the difficulties faced by this institution of higher education teachers. Therefore, it analyzes how the experience of implementing the Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi), reflects on what would become Fafi when sowing the seeds of its creation and consolidation. We adopted as sources, studies conducted by Piauí historiography, documents available on the Federal Senate website and printed newspapers that circulated in Teresina, in that period.

Keywords: History education. Teacher education. Faculty of Philosophy of Piauí.

* Bolsista em Produtividade Científica/UFPI. Doutora em História. Professora-Associada na Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua no Programa de Pós-Graduação em História (Doutorado e Mestrado), no Departamento de História e na Pós-Graduação em Ciência Política da UFPI. Coordenadora de História Pibid/Capes/UFPI. Membro do Núcleo “Cidade, Tempo e Espaço” e do Núcleo de Pesquisa em História e Educação. E-mail: cfontinelles@gmail.com.

** Mestre em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor de História na Educação Básica da Rede Privada de Ensino, em Teresina. E-mail: thiagorodriguesfrota@hotmail.com.

Uma experiência breve, mas profícua: a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí

Nos anos iniciais da década de 1950, a cidade de Teresina vivenciou uma experiência breve, porém profícua, no que se refere à tentativa de melhorar a educação no Estado: a criação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi), conforme consta no estatuto da instituição, registrado no Cartório de 1º Ofício de Teresina (FREITAS FILHO, 2003, p. 10). Embora a referida instituição não tenha obtido o êxito esperado, atuou tal qual uma fagulha para acender o anseio pela ampliação do horizonte educacional na sociedade piauiense.

A formação prevista para ser ofertada pela Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) constituía-se de um caráter predominantemente humanístico. Além disso, a instituição seria responsável por proporcionar a formação em nível superior no Estado, que, naquela época, contava apenas com uma instituição privada: a Faculdade de Direito do Piauí (Fadi). No ano de 1934, essa instituição passou à esfera estadual, contudo, quatro anos depois, em 1938, foi novamente desoficializada. Dessa maneira, suas atividades voltaram a funcionar em caráter particular, só que subvencionadas pelo Estado (CARDOSO, 2012, p. 119). A Fadi era uma instituição que formava bacharéis e profissionais liberais para ocupar cargos burocráticos do Estado.

Em contrapartida, a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) emergia com uma proposta para que o Estado conseguisse ampliar e diversificar os cursos superiores para a sociedade piauiense. Isso pode ser percebido no art. 7º, do capítulo I, do Estatuto da Faculdade que versava sobre as disciplinas que seriam oferecidas pela instituição: a) “Geografia e História; b) Letras Neolatinas; c) Ciências Físicas e Matemática; d) Letras Anglo-Germânicas; e) Química; f) História Natural; g) Filosofia; h) Pedagogia; i) Ciências Políticas e Sociais; e j) Didática” (PIAÚÍ, *Diário Oficial do Estado*, 25 mar. 1952, p. 3).

A oferta de cursos da Fafi resultado do empenho principalmente de “um grupo de jovens intelectuais¹ – esforçados para que sua geração não ficasse perdida” (FONSECA NETO, 2014, p. 31), como, por exemplo, José Camilo da Silveira Filho,² Edgar Nogueira³ e Manoel Paulo Nunes.⁴ Esses jovens intelectuais representavam uma parcela da sociedade piauiense, preocupada em ampliar seus horizontes e não se

fechar em pequenos grupos. Eles se interessavam em discutir, elaborar e executar assuntos nos campos da sociedade, da cultura, da educação e da política do Estado.

Manuel Paulo Nunes, ao se referir ao grupo de intelectuais do qual fazia parte, pontua que os interesses políticos existiam e faziam parte das discussões acaloradas do grupo, porém não era esse o foco principal, pelo menos não no que se refere à política no sentido partidário-administrativo. (FONTINELES FILHO; FONTINELES, 2016, p. 3). Partindo desse princípio, a educação e o ensino eram vistos como meios para um progresso cultural e intelectual no Piauí e, dessa maneira, se configuraram como campo de discussão e investimento dessa geração de intelectuais à qual Manuel Paulo Nunes esteve diretamente associado.

Logo, essa jovem intelectualidade, ao lado de outras personalidades políticas da época do surgimento da instituição, conseguiu transpor o primeiro obstáculo que um empreendimento de tamanho porte exigia para o início de suas atividades. A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) ganhou repercussão nas ruas da cidade de Teresina por meio da imprensa local. O *Jornal do Piauí*,⁵ periódico de grande circulação na capital, em matéria, anunciava a Abertura Solene dos Cursos da Fafi:

Terá caráter solene a abertura dos cursos da recém-criada Faculdade de Filosofia do Piauí. Amanhã às 19:00 horas, na sede da nova Casa de Ensino Superior, a Álvaro Mendes, 871, e com a presença de altas autoridades civis e militares, terá lugar a aula inaugural, devendo falar na ocasião o Dr. Pedro de Moraes Brito, o Conde, professor catedrático do referido estabelecimento de ensino. Em nome do corpo discente discursará o aluno Felelon Nonato da Silva. A diretoria da Faculdade, por nosso intermédio, convida as autoridades locais para abrilhantar o ato (*Jornal do Piauí*, 11 abr. 1952, p. 4).

As autoridades prestigiaram a inauguração. O historiador Antonio Maureni Vaz Verçosa de Melo afirmava que o então governador do Estado do Piauí, Pedro de Almendra Freitas,⁶ o diretor da Faculdade de Direito (Fadi) naquela ocasião, o Dr. Cromwell Barbosa de Carvalho,⁷ além do corpo docente e discente da nova instituição marcaram presença no ato, confiantes de um futuro vindouro para a faculdade.

No entanto, a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) não conseguiu se consolidar tal qual idealizaram seus fundadores, nem tampouco como previa o seu estatuto: “A Faculdade terá duração ilimitada, só podendo ser dissolvida pelo voto de três dos quatro membros da Congregação”⁸ (PIAUI, *Diário Oficial do Estado*, 1952, p. 2). Pelo contrário, teve suas atividades encerradas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) ainda quando tentava se consolidar, no ano de 1952, após forte resistência de uma fração considerável da elite local.⁹

Essa resistência, conforme apontam os estudos do historiador Antonio Fonseca Neto (2014), acontecia porque cursar o Ensino Superior no Estado do Piauí, durante o período que antecedeu o surgimento da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, na década de 1950, era privilégio de poucos. Entre os anos de 1931 e 1958, somente filhos de famílias mais abastadas pertencentes à elite local – que gozavam de prestígio e *status* social nesse período – tinham acesso a esse nível de ensino. Assim, percebe-se que “um dos projetos educacionais da escola era formar homens para comporem o quadro administrativo do Estado, pois seus idealizadores desejavam dispor de um espaço para a formação de bacharéis, no Piauí” (CARDOSO, 2012, p. 118).

A Fafi se configurava, assim, como *locus* privilegiado, para que as famílias abastadas se inclinassem para espaços da política e da intelectualidade local, uma vez que frequentar essa instituição de ensino era sinônimo de ocupar cargos importantes no governo e obter *status* social no Estado. Por mais de duas décadas, a Fafi se configurou como instituição detentora do universo cultural da cidade de Teresina. Sob o espectro político, com caráter conservador e tradicional, atendia a um público que, em geral, pertencia às classes média e alta da sociedade local. Os sujeitos que adentravam o espaço da instituição o faziam, sobretudo, como forma de legitimar seu *status quo*. Assim, é possível afirmar que, em geral, “estudavam na Faculdade de Direito as pessoas que já estavam instaladas na vida, eram bancários, eram pessoas já realizadas”, como salienta a historiadora Elizângela Cardoso (2012, p. 120).

A resistência por parte dessa fração do elitismo local ao desenvolvimento e à continuidade da recém-criada Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi), a ponto de enviar uma pequena comitiva ao Ministério da Educação e Cultura (MEC) com o objetivo de derrubar o projeto de criação da instituição. A preocupação desse grupo estava

associada ao receio de perder espaço tanto no que se refere à ocupação de cargos públicos quanto no que diz respeito ao *status* de detentores exclusivos do saber (MELO, 2006, p. 143) com a criação e abertura de novos cursos superiores no Piauí. Não interessava à maioria dos integrantes desse grupo conservador, que frequentavam a Fadi, ampliar os espaços para uma parcela da sociedade que não pertencia ao seu grupo social. Interessava-lhes continuar exercendo o prestígio e o poder de forma verticalizada, e isso significava manter as tradições, ou seja, limitar o acesso ao ensino de 3º grau, que era um expressivo símbolo de poder.

Podemos apontar, pelo menos, dois fatores que justificam a breve existência da Faculdade de Filosofia do Piauí: 1) aspectos de ordem legal, que inviabilizaram a continuidade de seu funcionamento, ou seja, as exigências feitas pelo MEC; e 2) a resistência de parte da elite local piauiense. Entre os fatores de ordem legal, que inviabilizaram a continuidade da primeira experiência da Faculdade de Filosofia no Piauí (Fafi), encontramos, nas referências analisadas, problemas de estrutura e falta de recursos financeiros como fatores decisivos, para que o projeto não tivesse prosseguimento. De acordo com o depoimento do Professor Raimundo José Airemoraes Soares,¹⁰ “a Faculdade de Filosofia do Piauí terminou sendo fechada, exatamente, por causa da desatenção aos aspectos legais. Foi fechada por ordem do Ministério da Educação e Cultura” (SOARES *apud* SOUSA *et al.*, 2002, p. 142).

O não cumprimento das exigências legais era acompanhado, de perto, por aqueles que se opunham à implantação da Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi). Sobre esse assunto, o historiador Antonio Fonseca dos Santos Neto (2014)¹¹ acredita que essa resistência e oposição no Piauí partiam de uma fração da elite local piauiense, que agia e falava a partir dos filtros da Fadi,¹² ou seja, parte dos professores e intelectuais que integravam a instituição e se colocaram como opositores ao projeto de José Camilo da Silveira Filho, Edgard Nogueira e outros colegas, que também integravam a Fadi, mas esses apoiavam a ampliação do ensino de 3º grau no Estado.

Apesar de sua breve existência, a Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi), tal qual uma fagulha, que brilhou por um instante e serviu para acender, no seio de alguns sujeitos da sociedade piauiense, o anseio de ampliar o horizonte educacional no Estado. Assim, mesmo o projeto da Faculdade de Filosofia (Fafi) do Piauí não tendo a prosperidade

que seus idealizadores esperavam, em virtude de fatores adversos, sua breve existência lançou as sementes para um empreendimento que não demoraria a germinar: a criação e consolidação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi).

Tais pressupostos remetem a imbricações históricas entre as duas instituições de ensino. A Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi) pode ser percebida como um projeto inicial, em que foram inscritos os esboços e esforços preliminares que possibilitaram a organização, a estruturação e a consolidação da Fafi. O projeto para essa nova instituição será desenhado e pensado a partir de uma base alicerçada em ideias e experiências adquiridas na trajetória da Faculdade que a antecedeu em um período de seis anos.

Em relação às falhas cometidas na tarefa de legalizar a primeira Faculdade de Filosofia (Fafi) do Piauí, por exemplo, percebe-se que a primeira experiência de uma Faculdade de Filosofia serviu de importante aprendizado, para que os mesmos erros não se repetissem no processo de implantação da Fafi em 1958. Tal assertiva pode ser evidenciada, de acordo com Benedito da Rocha Freitas Filho,¹³ na preocupação que os fundadores dessa nova instituição de ensino superior tiveram em elaborar o regimento da Faculdade, na ansiedade de submeter o mesmo ao Conselho Nacional de Educação, na vontade de constituir uma biblioteca básica e na busca de comprovar a capacidade de se manter (FREITAS FILHO, 2003, p. 10-11), etapas que inviabilizaram o funcionamento da Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi), mas que foram contempladas como será retomado mais adiante neste trabalho.

Mesmo após o malogro da primeira experiência com uma Faculdade de Filosofia no Estado, os envolvidos no projeto – a intelectualidade preocupada com o desenvolvimento cultural do Estado – não desanimaram e buscaram somar seus esforços a uma figura de destaque no cenário religioso piauiense: o arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela – que, com seu carisma e influência política se mostrou uma figura indispensável para a concretização do projeto que se redesenhava¹⁴ – a fim de dar continuidade ao objetivo que iniciou em 1952 e que começou a ser alcançado em 1957, com a criação da Sociedade Piauiense de Cultura.¹⁵ Essa medida apareceu como uma das ações de Dom Avelar Brandão Vilela voltadas ao campo cultural, após sua chegada em Teresina.¹⁶

De acordo com o Estatuto da Sociedade Piauiense de Cultura, o órgão recém-criado tinha como objetivo “instituir, manter e dirigir estabelecimentos de Ensino Superior, bem como outras organizações de natureza cultural” no Estado (PIAUI, *Diário Oficial do Estado*, 6 jun. 1957, p. 6). Por meio dessa iniciativa, Dom Avelar Brandão Vilela iniciou o cumprimento de uma das principais frentes de atuação do religioso em Teresina – elaborar planos e diretrizes para combater o analfabetismo e animar a criação de uma Faculdade voltada à formação de professores habilitados à docência no Ensino Secundário (atual Ensino Médio) uma vez que

a carência de infraestrutura no campo da educação era sentida em Teresina na década de 1950. O crescimento populacional fez com que a demanda por serviços públicos aumentasse, desembocando na necessidade não só de vagas nos cursos primários e secundários, como de professores qualificados com formação específica para lecionar (CARVALHO, 2013, p. 89).

Diante disso, a interferência do religioso no campo educacional, em Teresina, veio para suprir uma demanda que a capital do Estado necessitava já há algum tempo. Além disso, seus projetos para o ensino não se traduziam em ações isoladas, pois estavam na “esteira do clima de incentivo à educação vivida dentro da Igreja Católica no Brasil” (CARVALHO, 2013, p. 88) que, entre 1945 e 1964 investia nas universidades particulares, como, por exemplo, a Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro e a PUC de São Paulo.

Ainda segundo o Estatuto da Sociedade Piauiense de Cultura, ficava estabelecido que a direção e a administração da sociedade caberiam ao Conselho Diretor, constituído e presidido pelo Arcebispo Metropolitano que era o responsável por fixar, através de atos, as atribuições de seus membros (PIAUI, *Diário Oficial do Estado*, 6 jun. 1957, p. 6). Sendo assim, Dom Avelar Brandão Vilela conquistava, aos poucos, um lugar de destaque nos cenários religioso, político e educacional em Teresina, assim como já havia feito no trabalho que realizou como padre em Aracaju, Sergipe, e como bispo em Petrolina – Pernambuco, onde:

Trabalhou junto aos flagelados das duas secas que afligiram Pernambuco em meados da segunda

metade do século XX, implantou a Ação Católica do Brasil e da Liga Eleitoral Católica, instalou um Posto de Colonização em convênio com Ministério da Agricultura para uma experiência pioneira de irrigação nas margens do Rio São Francisco. Inaugurou a Escola de Economia Doméstica dirigida às jovens, para aprenderem serviços de uma vida cotidiana como donas de casa (ARAÚJO, 2008, p. 63).

Dom Avelar Brandão Vilela construiu uma trajetória de admiração e respeito tanto por parte da sociedade quanto do poder estatal, ao enfrentar as consequências de uma seca alarmante no Estado, com as quais os gestores públicos, sozinhos, não conseguiam atender às demandas sociais em grande escala.

Essa imagem foi construída porque a Igreja Católica, personificada na figura do arcebispo, contribuiu para que os serviços de assistência social aos mais necessitados chegassem por meio de cooperação com os poderes municipais, estaduais e federais. Em Petrolina, Dom Avelar conseguiu popularidade por meio do diálogo e do trabalho desenvolvido de “comunicação realizado com as famílias, os setores ruralistas, os pobres e as autoridades políticas” (CARVALHO, 2010, p. 61; ARAÚJO, 2008).

Com o lema “Evangelizar e Humanizar”, Dom Avelar Brandão Vilela toma posse da Arquidiocese de Teresina em 5 de maio de 1956, aos 43 anos de idade e traz consigo o histórico das suas realizações feitas antes de chegar à Capital do Piauí.

“Dom Avelar Brandão Vilela pisa o chão piauiense e é recepcionado com esperanças viçosas: pouso de uma criatura grande e impactante, mas como que produzindo a brisa leve das incensações benfazejas.” (FONSECA NETO, 2014, p. 29). Como nos elucidava o historiador Antonio Fonseca dos Santos Neto, o novo arcebispo chega ao solo piauiense como “o pouso de uma criatura grande e impactante” porque os piauienses eram conscientes do lugar de fala de Dom Avelar Brandão Vilela e da admiração e do respeito que o religioso adquiriu no trabalho que realizou como padre em Aracaju (Sergipe), e bispo em Petrolina (Pernambuco), onde demonstrou ser uma figura de grande liderança e um arcebispo capaz de desenvolver e fortalecer a Igreja Católica em tempos de transformação.

A imagem de prestígio de Dom Avelar entre os piauienses está associada ao caráter social que o religioso pregava. Uma das suas principais preocupações e metas de sua atuação era colocar e fazer uma Igreja politicamente engajada com as pessoas que mais precisavam de sua assistência. Assim, “a sociedade teresinense criou bastante expectativa, com a chegada do novo arcebispo, Dom Avelar, pois depositavam fé na figura de um religioso como provedor de mudanças” (LIMA, 2019, p. 55).

Ao mesmo tempo, o novo arcebispo de Teresina carregava, em seu semblante, “uma brisa leve das incensações benfazejas”, o que provocava, na sociedade que o recepcionava, um sentimento de esperança que se alicerçava no caráter de suas obras assistenciais e na forma como o religioso tratava as pessoas, uma vez que, após assumir o cargo ao qual foi designado, Dom Avelar Brandão Vilela, passou a fazer constantes viagens nacionais e internacionais, fortificando suas amizades nos campos políticos, religiosos e educacional, a fim de transformar a Igreja Católica em instrumento para atender às mazelas que afligiam a capital do Piauí antes de sua chegada.

Sendo assim, pouco depois de assumir o posto na Arquidiocese de Teresina, Dom Avelar, começou a articular diálogos com o governo do Estado (Jacob Gayoso e Almendra, do PSD), com gestores do Município (prefeito Agenor Barbosa de Almeida,¹⁷ do PSD), bem como com os intelectuais (a exemplo dos professores Clemente Honório Parentes Fortes¹⁸ e Raimundo José Airemoraes Soares)¹⁹ e com instituições educacionais “no intuito de elaborar um plano conjunto de ação no campo da cultura” (FREITAS FILHO, 2003, p. 8).

Dessa aproximação, resultaria a “Sociedade Piauiense de Cultura” e, a partir dela, a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi) que, diante do novo cenário e, contando com o apoio de Dom Avelar Brandão Vilela, já não encontraria a mesma resistência que enfrentou a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí em 1952. Contudo, “antes mesmo de sua implantação, essa Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, foi o motivo para uma querela intelectual e institucional, envolvendo os idealizadores da Faculdade e o jovem escritor” Orlando Geraldo Rego de Carvalho (FONTINELES FILHO; FONTINELES, 2016, p. 7).²⁰

Para o romancista Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho, o Piauí não dispunha de um corpo de professores preparado para assumir as cadeiras da Fafi, uma vez que os cursos que seriam ofertados estavam

voltados à educação (Letras Neolatinas, Filosofia e História/Geografia), e os professores elencados para lecionar na instituição exerciam, à época, profissões liberais e, na sua maioria, eram bacharéis de Direito. As críticas se direcionavam, sobretudo, ao Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela, pois partia, principalmente do religioso, segundo o romancista, a ideia de selecionar professores despreparados para a instituição.

Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho defendia a importância de trazer professores renomados de outros Estados brasileiros. Uma ação que “seria fácil diante do prestígio social do religioso, com a vantagem adicional de contribuir para a vinda de novas ideias ao Piauí. No entanto, o arcebispo se matinha em silêncio em relação aos questionamentos” (CARVALHO, 2010, p. 109).

O silêncio do arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela, parecia incomodar o escritor. Silêncio que se fazia presente, de acordo com o romancista, não somente perante os questionamentos do mesmo em relação à qualificação dos profissionais para a Fafi, mas nas ações eclesiais do arcebispo que, segundo o mesmo, em matéria publicada no jornal *O Dia* (DEUS...*O Dia*, 13 out. 1957, p. 1), andava abandonando o seu papel religioso para ocupar funções estatais.

A intelectualidade – entre eles o primeiro diretor da Fafi, Clemente Honório Parentes Fortes – que se colocava ao lado de Dom Avelar Brandão Vilela, também enfrentou as críticas de O. G. Rêgo de Carvalho a partir de matérias jornalísticas publicadas no jornal *O Dia*. No artigo “ABC da Filosofia” (ABC... *O Dia*, 14 jul. 1957, p. 3), o romancista elenca um intelectual para cada letra do alfabeto e lista os motivos que os desqualificavam para exercer tal ofício.

As críticas do literato se encerram após o romancista mudar para o Rio de Janeiro, em 1957. Antes disso, porém, Dom Avelar Brandão Vilela e o jornal *O Dia* publicaram respostas às críticas do romancista. De acordo com Sônia Maria dos Santos Carvalho, a resposta do arcebispo aconteceu em um tom formal, em que o clérigo associava as críticas do romancista a “crises espirituais pelas quais estivesse passando, e reiterava votos de progresso social a Teresina, a partir da instalação da Faculdade, sendo a intelectualidade local o motor mais interessado no desenvolvimento do povo do Piauí” (CARVALHO, 2010, p. 110).

Para encerrar a querela, o jornal *O Dia*, em seu editorial do dia 24 de outubro de 1957, publica “A lição de Dom Avelar”, texto no qual ressalta que

Dom Avelar demonstra o apreço de S. Exma. Revdma não só pela opinião do autor, mas também pela salvação de sua alma. A carta de D. Avelar representa profunda compreensão. O gesto mostra que compreendeu a importância da imprensa na formação da sociedade. Apesar de Chefe de Estado, não se fugiu ao dever de um pronunciamento, e o fez à altura da crítica, com a mesma sinceridade e respeito. Com esta atitude, contribuiu fortemente para melhorar as condições morais de nossa imprensa, que em parte, ainda está faltando à altura da responsabilidade (A LIÇÃO... *O DLA*, 24 out. 1957, p. 1).

Mesmo informando, tentar manter a imparcialidade, o jornal, desde o título da matéria, ressalta sua defesa a Dom Avelar Brandão Vilela e contribui para a construção de uma representatividade político-religiosa do arcebispo. Segundo o periódico, a lição de Dom Avelar encontra-se na sua capacidade de abstrair as críticas recebidas e, ainda, rezar por aqueles que as disferiam.

Mesmo enfrentando essa adversidade, o arcebispo continuou realizando ações que se direcionavam à inauguração da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi). No dia 8 de dezembro de 1957, o *Jornal do Piauí* evidencia o empenho de Dom Avelar Brandão Vilela em prol da institucionalização da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi), bem como sua capacidade de argumentação com os políticos da capital federal:

Regressa o Senhor arcebispo:
Regressou do Rio de Janeiro, quarta-feira, Dom Avelar Brandão Vilela, digníssimo arcebispo metropolitano. O ilustre viajante, que teve concorrida recepção no aeroporto, muito embora não houvesse sido bastante divulgada sua chegada, tratou, na capital federal de importantes problemas piauienses. A futura Faculdade de Filosofia constituiu uma das suas preocupações e não foram pequenos os seus esforços para conseguir condições de funcionamento para uma instituição cultural dessa ordem em um meio pobre como o nosso. Hoje, porém, já se sabe que muitas barreiras foram vencidas. O relatório do

verificador federal é favorável ao funcionamento da Faculdade, aguardando-se apenas, a tramitação do processo do Ministério da Educação. Outras questões de ordem espiritual e social foram tratadas, no Rio, pelo Senhor arcebispo (REGRESSA... *Jornal do Piauí*, 28 jul. 1956, p. 1).

Dom Avelar Brandão Vilela construiu seu prestígio social em Teresina, conquistando respeito e respaldo por meio de suas ações. O histórico de suas realizações, em Petrolina, somado ao preparo intelectual que o arcebispo demonstrava ter por meio de sua oralidade, permitiu ao religioso adentrar em campos que estavam relacionados tanto à Igreja Católica quanto a espaços públicos. A imprensa também atuou como instrumento importante na visibilidade do prestígio do arcebispo com a população da capital piauiense. Por meio de homenagens e publicações dos periódicos que circulavam em Teresina – que enfatizavam sua atuação social, política, educacional e religiosa – imprensa ajudou a legitimar seu espaço social na capital piauiense.

A Faculdade Católica de Filosofia do Piauí e seus desafios

A autorização de funcionamento da Fafi é confirmada no dia 18 de março de 1958, por meio do Decreto Federal n. 43.402/1958 – sancionado pelo então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek (BRASIL. *Diário Oficial da União*, 20 mar. 1958). A partir daquele momento, a Fafi deixaria de ser apenas um projeto para o futuro, uma vez que estava autorizada a realizar suas iniciativas no campo educacional, em nível superior:

O presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 87, item I, da Constituição, nos termos do art. 23 do Decreto-lei n° 421, de 11 de maio de 1938, decreta: Artigo único. É concedida a autorização para o funcionamento dos cursos de filosofia, história, geografia e letras neolatinas da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, mantida pela Sociedade Piauiense de Cultura e com sede em Teresina, capital, do Estado do Piauí. Rio de Janeiro, 18 de março de 1958, 137° da

Concedida a autorização para seu funcionamento, a Fafi foi instalada, oficialmente, no Piauí, no dia 7 de abril de 1958. A instituição contaria – segundo estipula o documento referenciado e conforme previa seu regimento interno – com três cursos ou seções fundamentais: Filosofia, Letras Neolatinas e História/Geografia (essas duas áreas sendo oferecidas como único um curso).

É importante destacar que, antes do ano letivo da Fafi iniciar no dia 7 de abril de 1958, o diretor do Ensino Superior do MEC estabeleceu um calendário apertado para que a Faculdade iniciasse suas atividades ainda naquele ano. Dessa maneira, estipulou-se o prazo de 29 de março a 1º de abril para as inscrições no concurso e o dia 2 de abril para a realização das provas que, após cinco dias, marcariam oficialmente o início das aulas na instituição.

O historiador Antonio Maureni Vaz Verçosa de Melo pontua que a Faculdade ofertou 150 vagas distribuídas de maneira equivalente, nos três cursos que integravam a Fafi no primeiro concurso de habilitação. Contudo, somente 69 pessoas se inscreveram para realizar os exames. Desses, apenas 57 foram aprovados. A pouca procura, segundo o pesquisador, estava diretamente relacionada ao fato de ter tido apenas dois dias para inscrição, o que dificultou às pessoas que estavam sem documento, ou com problemas de outra ordem, a inscrição no exame (MELO, 2006, p. 161-162).

No que concerne à finalidade da instituição, o art. 1º do Regimento da Faculdade estabelecia como sendo, estes, seus principais objetivos:

- a) Formar professores para o curso secundário e normal;
- b) Dar aos estudantes ensejo de se especializarem, conforme suas aptidões individuais;
- c) Colaborar com os institutos oficiais, congêneres para a difusão da alta cultura intelectual no Brasil;
- d) Realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem objeto de seu ensino (RÊGO; MAGALHÃES, 1991, p. 37).

Dessa forma, embasados nos objetivos elencados no Regimento da Fafi, para os sujeitos envolvidos no projeto da Faculdade, a instituição,

além de qualificar professores para o nível secundário (Médio) de ensino, procurava, ainda, interferir em um contexto mais amplo, no momento em que buscava aglomerar “no seu interior propostas de transformações, nos campos político e sociocultural, exigidas pela sociedade àquela época, portanto, necessitando de reflexão para germinar ideias e práticas compatíveis com tais exigências” (PEREIRA, 2003, p. 39).

Um bom exemplo, para perceber o engajamento social entre esses sujeitos, foram as iniciativas realizadas no interior da instituição em defesa da criação de uma Universidade Federal no Estado. Segundo Guiomar de Oliveira Passos, essas ações podem ser constatadas nos esforços realizados por parte da intelectualidade local – como as ações de Dom Avelar Brandão Vilela ao instituir a Fafi – o movimento estudantil, que passou a defender a expansão do Ensino Superior no Piauí.

A Fafi vivia o seu segundo ano como Faculdade reconhecida pelo Conselho Estadual de Educação, em 1965, quando o governo do Estado, na figura de Petrônio Portella, se movimentou para instituir a Fundação Universidade do Piauí. Benedito da Rocha Freitas Filho afirma que o governo do Estado encaminhou uma “mensagem ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), solicitando o seu apoio para a elaboração de um anteprojeto de lei federal, dispondo sobre a criação da Fundação Universidade Federal do Piauí” (FREITAS FILHO, 2003, p. 48).

Mesmo com a universidade aprovada, sancionada e promulgada pela Lei Federal n. 5.528, de 12 de novembro de 1968, a instituição só se instalou, efetivamente, no ano de 1971. A chegada da UFPI foi motivo de celebração para os sujeitos que estiveram envolvidos no processo desde o início e também àqueles que somaram esforços para sua implantação; afinal, ela representava o desenvolvimento do Estado, a conquista de docentes, de discentes e dos membros da sociedade que participaram desse processo, além de representar uma grande oportunidade para os jovens que almejavam ingressar no Ensino Superior.

Ao longo de seus 12 anos de história, a Fafi teve apenas dois dirigentes: o Professor Clemente Honório Parentes Fortes, que esteve à frente da instituição entre 7 de abril de 1958 até o dia 9 de outubro de 1968, quando se afastou da Fafi para exercer o cargo de diretor da Fafi em tempo integral, e o Padre Raimundo José Airemoraes Soares, que dirigiu a Fafi de 10 de outubro de 1968 até 22 de junho de 1972, quando retornou à função o Professor Clemente Honório Parentes Fortes, que

permaneceu no cargo até a implantação dos diversos departamentos da UFPI.²¹

A Fafi inicia suas atividades por meio de uma aula inaugural que aconteceu nas dependências do Colégio Sagrado Coração de Jesus²² (CSCJ). Entretanto, a autorização de funcionamento da instituição só veio a se concretizar após o cumprimento de algumas exigências legais estabelecidas pelo Conselho Federal de Educação (CFE), entre elas: a elaboração do Regimento Interno da instituição, a existência de uma biblioteca básica, a capacidade de gerir suas finanças com um órgão mantenedor e as condições estruturais do prédio em que a Faculdade funcionaria.

Em relação à elaboração do Regimento Interno da Faculdade, a formação de professores era apenas um dos objetivos, que incluía ainda: preparar trabalhadores intelectuais para a realização de atividades culturais, realizar pesquisas nos mais diversos campos da cultura, e contribuir para o desenvolvimento de uma cultura adaptada às realidades brasileira e piauiense, informadas pela filosofia cristã.

Por meio de uma campanha de colaboração dos futuros professores da Fafi, a instituição conseguiu, através de doações, montar um acervo de livros especializados e atender à demanda por uma biblioteca básica, que contou com a colaboração dos futuros mestres da instituição, que se organizaram e realizaram a doação de um acervo especializado de livros para constituir a biblioteca da Fafi. “Com a doação de um acervo de livros especializados e, apresentado à arquidiocese a garantia de funcionamento da escola, solicitou-se a necessária autorização para a instalação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí?” (COLUNA..., FACULDADE DE FILOSOFIA, *O DIA*, 25 mar. 1969, p. 7). Assim, a biblioteca da Fafi contribuiu para a formação acadêmica dos universitários, ao alavancar o aprendizado individual e atender às exigências sobre o acervo da instituição.

Alguns estudantes aproveitavam, ao máximo, as doações realizadas do acervo individual dos seus professores. Buscavam, ainda, a partir de consulta e leitura *desse* material, contribuir com a biblioteca ao elaborar apostilas com o objetivo de sistematizar o conteúdo trabalhado nas disciplinas ministradas na instituição. Essa ação, além de beneficiar a formação dos acadêmicos, ainda legava às turmas que viriam depois

um material de consulta importante e direcionado aos cursos ofertados. (COLUNA...O DLA, 20 abr. 1969, p. 5).

A Sociedade Piauiense de Cultura se configurou como órgão mantenedor da Faculdade mesmo com a sociedade se responsabilizando por gerir os recursos orçamentários da instituição. A Faculdade apresentou, ao longo de sua trajetória, dificuldades com os recursos financeiros para manter regularmente o funcionamento da instituição. Mesmo sendo uma instituição privada, a Fafi era mantida pela Diocese e recebia ajuda do Governo Federal – que concedeu verbas à instituição, nos anos de 1958, 1962, 1964, 1967 e 1968 – e estadual, assim como do comércio local “que vendia material de expedientes em compras parceladas e prazos indeterminados de pagamento” (CARVALHO, 2013, p. 91).

Em 1959, as dependências do CSCJ ficaram limitadas com a chegada de novos estudantes. A Fafi realiza o segundo concurso de habilitação para a Faculdade, no qual lograram aprovação e requereram matrícula 6 alunos para o curso de Filosofia, 16 para Letras Neolatinas e 24 para Geografia e História (FREITAS FILHO, 2003, p. 18). Apesar da solicitude do Colégio Sagrado Coração de Jesus (CSCJ), com o passar do tempo, a Faculdade esperava se expandir, demandando, assim, mais salas.

A demanda de sede própria à Fafi crescia junto com a necessidade de expansão do número de matriculados. *Contudo, como transferir os cursos e a administração da Faculdade das dependências do CSCJ para um prédio próprio, diante dos altos investimentos financeiros que a concretização desse objetivo exigia?*

Diante dessa realidade e dos custos que envolviam a transferência da Fafi para uma sede própria, os dirigentes buscaram estabelecer parcerias com o governo do Estado. Naquele momento, ocupado pelo Coronel Jacob Manoel Gayoso e Almendra (1955-1959), que se comprometeu a mobilizar esforços para garantir o prédio para a sede da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi).

O primeiro tesoureiro da Fafi, Benedito da Rocha Freitas Filho, destaca que um imóvel recém-criado pelo governo do Estado despertou o interesse dos dirigentes da instituição que consideravam aquele prédio “ideal para a instalação da Faculdade, pois, além do número de salas, estava localizado no centro da cidade” (FREITAS FILHO, 2003, p. 20). Esses fatores contribuiriam para que vivenciassem espaços maiores,

melhor acomodação e a instalação e o funcionamento da Fafi. A estrutura do prédio era organizada em dois pavimentos. A construção foi feita para atender às demandas do Grupo Escolar João Gayoso, instituição de ensino secundário (Médio) que funcionava nos turnos da manhã e tarde. Devido à composição do prédio, os gestores da Fafi solicitaram suas dependências ao governo do Estado para o desenvolvimento de suas atividades no período noturno.

O governador do Piauí, a princípio, concedeu apenas o pavimento superior para a Fafi, o que provocou insatisfação e discussões entre os estudantes universitários e secundaristas:

Estudantes universitários e secundaristas estiveram ante-ontem reunidos para discutir o chamado, caso do prédio para a Faculdade de Filosofia, decidindo, afinal, telegrafar à entidade máxima estudantil brasileira, que é a União Nacional dos Estudantes, protestando contra o ato do senhor governador do Estado que, cedendo um pavimento do Grupo Escolar João Gayoso para o funcionamento do – INSTITUTO BRASIL – ESTADOS UNIDOS, teria preterido direitos da referida faculdade (FALA..., *O Piauí*, 17 ago. 1958, p. 1).

O motivo central da querela girava em torno do fato de o governador ter se comprometido em garantir uma sede para a Fafi, mas não cumpriu a promessa na íntegra, pois não disponibilizou todo o prédio do Grupo Escolar João Gayoso. Esse ato foi interpretado pelas entidades estudantis como uma preferência do governo estadual para o funcionamento do Instituto Brasil – Estados Unidos.²³

Sobre essa questão, o governador fez questão de evidenciar que o Instituto Brasil – Estados Unidos também era uma instituição importante para o desenvolvimento da cultura no Estado, uma vez que divulgaria a expansão da língua inglesa para a mocidade piauiense. O governador ressaltou, ainda, que foi um dos principais responsáveis pela instalação da instituição no Estado, por isso, necessitava também prestigiar e conceder lugar para seu funcionamento. Em sendo assim, não era uma questão de preferência de uma em detrimento da outra.

Mesmo com alguns dilemas, o governador conseguiu conduzir, de maneira política e diplomática, as discussões sem precisar remover o Instituto Brasil–Estados Unidos do prédio também cedido à Fafi.

A permanência do Instituto Brasil–Estados Unidos no mesmo prédio da Fafi, contudo, não demorou muito. Dessa maneira, mesmo a Fafi ocupando apenas um dos pavimentos do prédio do Grupo Escolar João Gayoso, logo após sua transferência, passou a ser apenas da Faculdade, deixando as dependências do Colégio Sagrado Coração de Jesus, em 1959, e se transferindo para um imóvel localizado em frente da Praça Saraiva com a ajuda do governo do Estado.

A Fafi funcionou no prédio situado em frente da Praça Saraiva até o ano de 1971, quando foi transferida para o Bairro Ininga, zona leste de Teresina. Nesse momento, foi feita a integração desse centro de Ensino Superior com as outras Faculdades que existiam no Piauí – Faculdade de Direito (1931), Faculdade de Odontologia (1960), Faculdade de Medicina (1968) – para constituição da Universidade Federal do Piauí (UFPI), projeto que foi resultado de lutas de políticos e de vários segmentos da sociedade, principalmente a partir de 1963.

Considerações finais

Perscrutar a história da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí nos permite perceber que o projeto da primeira instituição de formação de professores para o Ensino Secundário (Médio) do Estado foi resultado de um processo marcado por dificuldades, conquistas, negociações e conflitos.

Com relação à Fafi, o que se observa é que, mesmo que a instituição tenha iniciado suas atividades no ano de 1958, o projeto e as bases dessa Faculdade foram desenhados e pensados a partir de experiências adquiridas na trajetória dessa Faculdade de Filosofia do Piauí, que a antecedeu em um período de seis anos.

Por sua vez, a criação da Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi) foi o resultado de investidas de parte da intelectualidade piauiense, como, por exemplo, e José Camilo da Silveira Filho, Edgar Nogueira e Manoel Paulo Nunes, que demonstraram preocupação em ampliar o ensino e, com ele, modificar os cenários educacional e cultural da sociedade local por meio de discussão, elaboração e execução de estudos relacionados às diferentes demandas sociais vividas no Estado.

Esbarrando na resistência de uma parcela da elite local piauiense, a ponto de cessar as atividades da Faculdade de Filosofia do Piauí (Fafi) essa jovem intelectualidade, mais tarde, uniu forças com o novo Arcebispo de Teresina, Dom Avelar Brandão Vilela e, por meio de parcerias e alianças com representantes do Estado do Piauí e da Prefeitura de Teresina, no fim da década de 1950, conseguiram superar as dificuldades impostas, diversificando a oferta de cursos superiores no Estado e preparando professores habilitados para lecionarem no Ensino Secundário (Médio), por meio da Fafi.

Ao longo de 12 anos, a Fafi exerceu suas atividades no Estado, formando profissionais críticos e reflexivos de acordo com a realidade educacional piauiense e, em 1971, constituiu-se como um dos pilares para a formação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), instituição fundamental aos caminhos percorridos pelo Estado desde então. Assim, a Fafi é considerada um marco na realidade da educação piauiense e, por isso, sua história precisa ser conhecida e valorizada, para incentivar a percepção do papel social desempenhado pelas instituições de ensino em nossa sociedade.

Referências

- ABERTURA solene dos cursos da Faculdade de Filosofia. *Jornal do Piauí*, Teresina, 11 abr. 1952, p. 4.
- ALICÇÃO de Dom Avelar. *O Dia*. Teresina, 24 out. 1957, ano VII, n. 505, p. 1.
- ARAÚJO, Lucélia Nárjera. *Tecendo narrativas: vivências estudantis na Fafi e UFPI durante a Ditadura Militar (1964-1975)*. 2013. 156 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal de Campina Grande, 2013.
- ARAÚJO, Warrington Wallace Veras de. *Dom Avelar Brandão Vilela: entre o texto e o contexto: trajetória e representação do arcebispo do Piauí (1956-1971)*. 2008. 211 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, 2008.
- BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política I*. Brasília: Ed. da UnB, 1998. 674 p. v. 1. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2938561/mod_resource/content/1/BOBBIO.%20Dicion%C3%A1rio%20de%20pol%C3%ADtica.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.
- BRASIL. Decreto Federal n. 43.402/1958. Autoriza o funcionamento da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. *Diário Oficial da União*, 20 fev. 1958.
- CARDOSO, Elizângela Barbosa. *Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)*. 2. ed. Teresina: Edufpi, 2012.
- CARVALHO, O. G. Rêgo de. Deus e os homens. *O Dia*, Teresina, 13 out. 1957, ano VII, n. 503, p. 1.
- CARVALHO, O. G. Rêgo de. ABC da Filosofia. *O Dia*, Teresina, 14 jul. 1957, ano VII, n. 476, p. 3.
- CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. *Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica*. 2010. 207 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.
- CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. *O bispo de todos os tempos: uma biografia de Dom Avelar Brandão Vilela*. Teresina: UFPI, 2013.
- COLUNA Universitária. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Teresina, *O Dia*, 20 abr. 1969, p. 5.
- COLUNA Universitária. Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Teresina, *O DLA*, 25 mar. 1969, p. 7.
- FALA o governador Gayoso e Almendra sobre o prédio para a Faculdade de Filosofia. *Jornal do Piauí*, Teresina, 17 ago. 1958, ano VII, n. 28, p. 1.
- FONSECA NETO, Antonio (org.). *Dom Avelar Brandão Vilela*. Teresina: Aliança; Ed. do Autor, 2014.
- FONTINELES FILHO, Pedro Pio; FONTINELES, Cláudia Cristina da Silva. *Nas trilhas do saber fazer: intelectualidade e política institucional no Piauí*. *Revista Crítica Histórica*, Teresina, ano VII, n. 14, dez. 2016. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/283/Fluxo%20cont%C3%ADnuo%203.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2019.

FREITAS FILHO, Benedito da Rocha. *História da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí*. Teresina: Ibiapina, 2003.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro. Ed. da FGV, 2004.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. *Dicionário enciclopédico piauiense ilustrado (1549-2003)*. Edição ilustrada e comentada. Teresina: Copyright, 2003.

MELO, Antonio Maureni Vaz Verçosa de. *Os aliceres da Educação Superior no Piauí: uma avaliação das faculdades de Direito e Católica de Filosofia (1930-1970)*. 2006. 225p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

LIMA, Jéssika Maria. *Nossa vida, nossa luta: a Igreja Católica e o Movimento de Educação de Base no Piauí (1962-1968)*. 2020. 197p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

PEREIRA, Maria das Graças Moita Raposo. *O curso de Filosofia da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (FAFI) no período de 1957 a 1971*. 2003. 137p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003.

PIAÚÍ. Estatuto da Faculdade de Filosofia do Piauí. *Diário Oficial do Estado do Piauí*, 25 mar. 1952, p. 2.

PIAÚÍ. Estatuto da Faculdade de Filosofia do Piauí. *Diário Oficial do Estado do Piauí*, 25 mar. 1952, p. 3.

PIAÚÍ. Estatuto da Sociedade Piauiense de Cultura. *Diário Oficial do Estado do Piauí*, 6 jun. 1957, p. 6.

RÊGO, Maria do Perpétuo Socorro Neiva Nunes do. *O curso de Letras da UFPI: um fio da Fafi*. Teresina: Ed. da UFPI, 1991.

REGRESSA ao Piauí o bispo de Teresina. *Jornal do Piauí*, Teresina, 28 jul. 1956. p. 1.

SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues da. Início da formação docente em nível superior no Piauí. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL DO NORTE E NORDESTE, 22., 2014, Natal. *Anais [...]*. Natal: UFRN, 2014. v. Único (ISSN:2318-5074). Disponível

1. O *petit monde étroit* (o pequeno mundo restrito) da intelectualidade brasileira do século XX. Homens de ciência que se intitulavam intelectuais, que lutavam pelo progresso científico da Nação, passavam a questionar o papel dos literatos, que, segundo eles, se afastavam dos problemas mais urgentes do País. Mantinham práticas singulares de sociabilidades – canais pelos quais veiculavam suas ideias e estabeleciam suas relações com o conjunto da sociedade (GOMES, 2004, p. 115-116).
2. Escritor e Bacharel em Direito, exerceu, no Piauí, os mais importantes cargos e funções, entre os quais destacam-se o de secretário estadual em diferentes pastas. Professor Catedrático de História no Instituto de Educação “Antonino Freire”, e de História Geral no colégio “Zacarias de Góes”. Lecionou na Fafi e foi reitor da Universidade Federal do Piauí (UFPI) (GONÇALVES, 2003, p. 390).
3. Lecionou Geografia no Liceu Piauiense e Direito Judiciário Penal na Faculdade de Direito do Piauí (Fadi), na qual assumiu também o cargo de diretor. Conselheiro da Fundação de Ensino Superior do Piauí. Professor Emérito na UFPI (GONÇALVES, 2003, p. 281).
4. Nasceu na cidade de Regeneração, Piauí, em 25 de outubro de 1925. Atua como advogado, professor, escritor e ensaísta. Membro da Academia Piauiense de Letras (APL) (FONTINELES FILHO; FONTINELES, 2016).
5. O *Jornal do Piauí* foi fundado por Antônio de Almendra Freitas, irmão do governador Pedro Freitas, sendo associado ao Partido Social Democrático (PSD).
6. Governador do Piauí (1951-1955). Pedro de Almendra Freitas foi comerciante, industrialista, exportador de cera de carnaúba e outros produtos. [...] Em 1946, foi nomeado membro do Conselho Administrativo do Estado, colegiado que dirigiu. Presidiu também a Associação Comercial do Estado, o Clube dos Diários e o Rotary Clube (GONÇALVES, 2003, p. 191).
7. Magistrado, professor, jornalista e escritor. Bacharel em Direito pela tradicional Faculdade de Direito do Recife (1907). [...] Idealizador e um dos fundadores da Faculdade de Direito do Piauí, do qual foi diretor e professor catedrático por vinte e quatro anos (GONÇALVES, 2003, p. 100).
8. A Congregação se refere aos dirigentes com maior poder de decisão sobre a Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Essa direção era constituída pelos professores catedráticos da instituição, ou seja, docentes-fundadores da Faculdade.
9. Por elite, entende-se a teoria segundo a qual, em toda sociedade, existe uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Entre as formas de poder (que, social ou estrategicamente, são mais importantes, estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político). A teoria das elites desenvolveu-se por uma especial relação com o estudo das elites políticas, teoria segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer, em última instância, à força (BOBBIO, 1998, p. 500-501).

10. Sacerdote e Professor Emérito. Curso Filosofia no Seminário Maior de Olinda – Pernambuco. Diplomado em Filosofia pela Academia Romana de Santo Tomás. Professor na Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Professor de Filosofia da Natureza em cursos de Pós-Graduação na UFPI. Diretor da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí. Disponível em: <https://www.academiapiuiensedeletras.org.br/raimundo-jose-airemoraes-soares/>. Acesso em: 23 maio 2019.

11. Professor. Advogado. Membro da Cadeira n. 1 da Academia Piauiense de Letras e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Piauí. Nasceu no dia 16 de fevereiro de 1953, na cidade de Passagem Franca, Estado do Maranhão. Migrou para Teresina no final de 1969, onde completou a Educação Básica, realizou o Ensino Médio e cursos de graduação universitária. Pós-Graduação em Minas Gerais (Especialização), Teresina (Mestrado) e São Luís – MA (Doutorado). É docente universitário no curso de História, em cuja condição dedica-se à pesquisa e estudos na área de Humanidades, ou como se queira chamar as Ciências do Homem. Disponível em: <https://www.academiapiuiensedeletras.org.br/antonio-fonseca-dos-santos-neto/>. Acesso em: 23 maio 2019.

12. Única escola superior do Piauí, à época, e uma criação do tenentismo de 1931 e logo devidamente modelada aos interesses dos grupos dirigentes do Estado, assim enquadrada aos seus desígnios de conservação do poder (FONSECA NETO, 2014, p. 31).

13. Nasceu em Floriano – Piauí, em 5 de abril de 1929. Ex-secretário da Fafi. Ex-Professor de Contabilidade Pública na Escola Técnica de Comércio do Piauí. Formado em Direito, funcionário

aposentado do Tribunal de Contas da União — (TCU), professor, historiador, cronista e poeta. Patrono da Cadeira n. 26, da Academia de Letras do Brasil, Seção Distrito Federal.

14. A Faculdade de Filosofia (Fafi) era apenas uma parte do projeto social dirigido por Dom Avelar Brandão Vilela. Participou, ainda, com seu prestígio, das decisões que culminaram com a autorização do terceiro estabelecimento de Educação Superior do Estado, a Faculdade de Odontologia do Piauí, criada em 1960, prestou grande contribuição ao então Ensino Secundário. Foi presidente da Seção Estadual do Piauí da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), que tinha como lema a frase: “Quem não for idealista aqui não entre.” Também consta na relação de trabalhos de Dom Avelar a construção do Centro Social Nossa Senhora de Fátima, localizado no Bairro Fátima, e do Centro Social Leão XIII, localizado na Vila Operária, além de centros sociais e obras de caráter humanístico no interior do Estado. Não podemos deixar de acrescentar a participação da Igreja Católica, no Estado, no Movimento de Educação de Base (MEB), que buscou conscientizar as massas para os problemas sociais e políticos do País, bem como da utilização dos programas de radiodifusão desenvolvidos, através das chamadas Escolas Radiofônicas, com o fito de alcançar o maior número de pessoas possível e falar a respeito de suas necessidades e direitos (MELO, 2006, p. 155).

15. O ano de 1957, mais precisamente a data de 29 de maio, marca a criação da Sociedade Piauiense de Cultura, órgão destinado a promover os crescimentos educacional e cultural de Teresina. A Sociedade Piauiense de Cultura funcionou

como mantenedora da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí (Fafi), agregando, a princípio, a intelectualidade local em torno do projeto de criar uma Faculdade para a formação humanística de professores, seguindo, assim, o propósito das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que visavam à formação e preparação de candidatos para atuar no magistério secundário e superior (ARAÚJO, 2013, p. 30).

16. Além da Sociedade Piauiense de Cultura, o arcebispo Metropolitano de Teresina, durante os seus quinze anos na capital do Piauí, esteve à frente da criação da Fafi, abriu escolas radiofônicas através do Movimento Educacional de-Base (MEB) e promoveu a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e o movimento Bandeirante (CARVALHO, 2013, p. 77).

17. Nasceu em Palmeirais, Município do Piauí, em 1908. Médico, militar. Formado em Medicina pela Universidade do Rio de Janeiro em 1931. Primeiro diretor do Hospital Getúlio Vargas, em Teresina, no período de 1941-1945. Esteve no exercício de prefeito de Teresina entre 31 de janeiro de 1955 a 31 de janeiro de 1959 (GONÇALVES, 2003, p. 25).

18. Nasceu em Teresina, no dia 30 de agosto de 1914 e morreu na mesma cidade, em 24 de dezembro de 1974. Professor Emérito e crítico literário. Era um desses homens de cultura enciclopédica. Professor catedrático de Português no Liceu Piauiense. Professor na Faculdade de Direito do Piauí. Professor e diretor da Fafi. Membro do Conselho Estadual de Cultura. Em 1957, foi eleito o primeiro presidente do Clube de Advogados do Piauí (GONÇALVES, 2003, p. 175-176).

19. Nasceu em São Pedro do Piauí, em 30 de março de 1933. Sacerdote e Professor Emérito no Curso de Filosofia no

Seminário Maior de Olinda – Pernambuco. Diplomado em filosofia pela Academia Romana de Santo Tomás em Roma – Itália. Bacharel e licenciado (Mestrado) em Sagrada Escritura pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma – Itália. Exerceu o cargo de diretor da Fafi (GONÇALVES, 2003, p. 392-393).

20. Orlando Geraldo Rêgo de Carvalho nasceu em 25 de janeiro de 1930, na cidade de Oeiras – Piauí. Faleceu no dia 9 de novembro de 2013, em Teresina. Ocupou a cadeira n. 6 da Academia Piauiense de Letras (APL). Publicou os livros *Ulisses entre o amor e a morte* (1953), *Rio subterrâneo* (1967) e *Somos todos inocentes* (1971) (FONTINELES FILHO; FONTINELES, 2016, p. 7).

21. Freitas Filho (2003) afirma que, na última passagem em que o Professor Clemente Fortes esteve à frente da gestão da Fafi, a Professora Maria de Lourdes Leal Nunes de Andrade Brandão assumiu interinamente a direção da Faculdade, uma vez que o titular havia tirado férias, entre 10 de janeiro há 08 de fevereiro de 1973. Os professores Raimundo Nonato Monteiro de Santana e José Camilo da Silveira Filho também responderam como diretores da Fafi na última passagem do Professor Clemente Fortes, quando esse esteve ausente.

22. Fundado em 1906 e localizado na principal avenida de Teresina, a Avenida Frei Serafim, o colégio era referência na formação secundarista no Piauí, no período supracitado.

23. Órgão ligado à cultura inglesa, que visava à expansão do idioma no Piauí, procurava melhor contribuir para a cultura da mocidade teresinense. Em 1959, o Instituto Brasil – Estados Unidos era dirigido pelo Dr. Zenon da Rocha (SOUSA; BONFIM; PEREIRA, 2002, p. 151).